

EXPERIÊNCIA DE ATENDIMENTO INFANTIL EM UMA CLÍNICA-ESCOLA DE PSICOLOGIA: UM OLHAR ALÉM DA QUEIXA

EXPERIENCE OF CHILD CARE IN A CLINIC-SCHOOL OF PSYCHOLOGY: A LOOK BEYOND THE COMPLAINT

Ludimila Sousa da Silva¹

Ana Lucia Castilhanos de Araújo²

RESUMO

O presente texto apresenta o relato de experiência no projeto de extensão intitulado: “Triagem e grupo de apoio/orientação com foco em queixas escolares”. O projeto aconteceu no Núcleo de Práticas Psicológicas (NUPPSI), que é uma Clínica escola do curso de psicologia, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Vitória da Conquista/BA, no ano de 2017. Este projeto foi elaborado para atender a demanda da comunidade externa à Universa, que solicitava atendimento infantil, sendo predominante a busca por atendimento em queixas escolares. Dentre as várias atividades desenvolvidas no projeto, destaco, neste texto, a etapa de atendimento em grupo, realizada após os atendimentos individuais. Os atendimentos foram realizados por duplas de estudantes de Psicologia, supervisionadas por duas psicólogas coordenadoras do projeto. Apenas duas crianças permaneceram até o final dos atendimentos em grupo, uma delas conseguiu avançar no decorrer do processo, fazendo seu ajustamento em relação ao comportamento mencionado na queixa inicial, enquanto a outra apresentou algumas mudanças apenas no ambiente terapêutico sem estender aos outros espaços do seu cotidiano.

Palavras-chave: atendimento infantil. clínica-escola. queixa escolar.

ABSTRACT

This text presents an experience report on the extension project titled "Screening and support group / orientation with focus on school complaints", which happened in Clinical School Psychology course, the Nucleus of Psychological Practices (NUPPSI) of the State University (UESB), campus of Vitória da Conquista / BA, in the year 2017. This project was developed to meet the demand of the community itself, which requested childcare, with a predominance of the search for care in school complaints. Among the various experiences developed in the project, I highlight, in this text, the stage of group care, performed after the individual visits. Two psychology students, supervised by two coordinating psychologists of the project, performed the visits. Only two children remained until the end of group consultations, one of them progressed in the process, adjusting for the behavior mentioned in the initial complaint, while the other presented some changes only in the therapeutic environment without extending to the other spaces of his daily

Keywords: childcare. Clinic-school. Complaint.

¹Graduanda do X semestre de psicologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

Milaalmeida201620@gmail.com

² Professora Dra. titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Introdução

Este texto apresenta um relato da experiência ocorrida no ano de 2017, no Núcleo de Práticas Psicológicas (NUPPSI), clínica-escola do Curso de Psicologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), localizada em Vitória da Conquista. O relato se inicia apresentando uma visão geral do projeto, destacando sua metodologia; segue com o detalhamento do trabalho desenvolvido por uma das duplas de alunas, com destaque para a fase do trabalho em grupo, e finalmente aponta algumas considerações sobre limites e possibilidades para o trabalho com crianças em clínicas-escolas.

A cidade de Vitória da Conquista conta atualmente com quatro cursos de graduação em psicologia, todos eles com clínicas-escola em funcionamento. Mesmo assim, a cidade carece de serviços de atendimento psicoterápico e diagnóstico a crianças em nível comunitário. O atendimento psicológico gratuito a crianças é um trabalho extensionista, fundamental para o avanço das políticas públicas de saúde, e se justifica pela sua relevância e pelo impacto no campo da saúde mental de crianças e adultos. Para a psicologia, a contribuição de um projeto desta natureza se dá, inclusive, como forma de referendar o trabalho junto a comunidades, que é um campo ainda em construção nessa ciência, e que tem sido debatido em diversos âmbitos como algo a ser considerado para o avanço social e psicológico.

O projeto de extensão: *Triagem e Grupo de Apoio em Queixas Escolares com Foco em Orientação Psicológica*, foi iniciado em maio de 2017 e concluído em dezembro do mesmo ano. Essa proposta foi associada a um segundo projeto intitulado: *Triagem e Grupo de Apoio em Queixas Escolares com Foco em Orientação Psicopedagógica*, com o objetivo conjunto de orientação a crianças, famílias e escolas, prestando atendimento a crianças de 3 a 12 anos com queixas escolares e psicológicas (queixas não escolares). Paralelamente, o projeto objetivou proporcionar aos alunos e alunas do curso de graduação em Psicologia, formação profissional amparada na interlocução fundamental entre teoria e prática, especialmente em um campo com alta demanda e carência de serviços desta modalidade.

O projeto se amparou em uma proposta de não patologizar as dificuldades da criança (PATTO, 1988), e possibilitar a essa criança um ambiente social em que fossem abandonados os rótulos. Desse modo, houve um investimento em situações educacionais e sociais coerentes a fim de auxiliar a criança a estabelecer ajustamentos criativos diante de seus problemas, uma vez que consideramos a criança como sujeito que domina seus próprios recursos adaptativos (ANTONY, 2009). O trabalho proposto se fundamentou

no reconhecimento das necessidades da criança; no auxílio para o desenvolvimento de seu auto suporte; na facilitação da emergência de seus sentimentos por meio da projeção com o psicólogo e demais pessoas participantes dos grupos de trabalho e interação (OAKLANDER, 2006).

O projeto contou com a colaboração de quinze graduandos e graduandas do VI ao X semestre do curso de Psicologia-UESB, e mais três instituições de educação superior da cidade. Todas as sessões com as crianças foram realizadas por duplas de discentes do curso de psicologia. Cada dupla ficou responsável por quatro crianças, realizando planejamento, executando as atividades, atendimentos, entrevistas e orientações. Os encontros semanais de supervisão com as professoras coordenadoras do projeto garantiram ao estudo: o compartilhamento de experiências, as proposições de soluções, a discussão dos casos e a avaliação daquilo que foi realizado em todo o projeto.

Como primeira ação do projeto, foi realizada uma triagem inicial com as crianças registradas na fila de espera do NUPPSI, por meio de entrevista de anamnese com os responsáveis. Esta ação foi seguida de sessões com a criança através do uso de técnicas específicas como a hora de jogo diagnóstica, grafismo e técnicas lúdicas. Após a reunião de material e discussão sobre a situação da criança, foram realizadas visitas à escola objetivando contato com, pelo menos, um (a) professor (a) e um (a) integrante da coordenação e/ou direção. Em seguida, foram realizadas entrevistas de devolução com a criança e seus responsáveis. As crianças foram consultadas todo o tempo a respeito daquilo que poderia ser informado aos adultos sobre a sua condição, e deram autorização para o levantamento de informações nas instituições escolares. Com essas entrevistas, a primeira etapa do projeto, a dos atendimentos individuais, foi finalizada. A partir de então, foram formados grupos de crianças com o propósito de trabalhar as dificuldades de cada um a partir de um contexto clínico que possibilitasse novos ajustamentos e recursos adaptativos.

A partir deste ponto, especificaremos a atuação de uma das duplas de alunas colaboradoras do projeto, destacando a primeira experiência com atendimento infantil de ambas como um fator de aprendizagem no primeiro contato com a realidade do trabalho com a saúde mental infantil. Ao início do projeto as alunas se encontravam no sétimo e no nono semestre do curso de psicologia da UESB e da UFBA.

O projeto foi elaborado com a finalidade de acolher a demanda espontânea de atendimento infantil para queixas escolares e psicológicas já existente no NUPPSI. No início do projeto, com uma fila de espera considerável, em parte, como já dissemos, pela inexistência de serviços dessa natureza na cidade. Foram atendidas, no total, 36 crianças

pelas duplas de discentes de psicologia. A orientação teórica do projeto se baseou nos pressupostos da gestalt terapia e da abordagem sócio histórica.

É importante salientar a importância do conhecimento proporcionado, durante o curso de psicologia, de disciplinas relacionadas à infância, o que garantiu certo conhecimento acerca desta fase do desenvolvimento humano em suas relações com a escola, família e outros contextos. Para as alunas, o projeto apresentou uma oportunidade de agregar conhecimento à sua formação, pois, estaria contemplando na prática aspectos da teoria já debatidos nas disciplinas cursadas, bem como experiências novas com as atividades que seriam desenvolvidas, com as relações que seriam construídas ao longo do processo e os desafios que viriam a se apresentar. Além de permitir uma aproximação e utilização das técnicas psicológicas usadas na prática da profissão com esse público específico.

O projeto “Triagem e grupo de apoio/orientação com foco em queixas escolares”

Como já mencionado anteriormente, o projeto foi elaborado para atender a demanda da comunidade, sendo queixas escolares ou não. Delimitou-se a faixa etária de quatro a doze anos, sendo por encaminhamento da escola ou por demanda da família. De acordo com Aguiar (2014) os adultos procuram atendimento psicológico com o propósito de modificar o modo como a criança se apresenta no momento, para cessar determinado comportamento ou adquirir outro. Em conformidade a isto, a busca pelo atendimento apresenta esse sentimento de mudança em relação ao comportamento e desempenho escolar da criança.

As atividades desenvolvidas no projeto, diretamente com as crianças, aconteceram em dois momentos: atendimentos individuais e em grupo. Durante a execução do projeto, aconteciam encontros com os familiares e as crianças; com professores e demais representantes das escolas onde as crianças estudavam, em momentos planejados a fim de cumprir os objetivos do projeto e em momentos não planejados, em geral por demanda dos responsáveis.

Durante o processo não houve a elaboração de diagnóstico fechado, visto que a proposta do projeto era evitar a atribuição possível de rótulos que o diagnóstico pode representar. O objetivo foi potencializar a criança que se encontrava naquele espaço por algo de “errado” que havia com ela, ressaltando sempre suas características positivas e sua completude como sujeito.

No primeiro contato estabelecido com os responsáveis, para entender o motivo pela procura do serviço, solicitamos que a criança estivesse presente, por compreender

que a partir desse momento estaria sendo construído um vínculo com a criança, conforme a compreensão da gestalt-terapia. Segundo Oaklander (1980) a criança precisa estar presente no momento em que os pais falam sobre ela, para saber se ela concorda ou não, quando é dito que ela tem um “problema”. Dessa forma ela entende que o seu posicionamento está sendo levado em consideração e se implica no processo como sujeito.

Assim,

Na gestalt-terapia, não focalizamos o sintoma e a queixa, mas trabalhamos buscar e desenvolver as possibilidades saudáveis do indivíduo, de forma que ele possa ter mais “opções” saudáveis além do seu ajustamento criativo disfuncional. (AGUIAR, 2014, p. 162).

A fase de grupo

A segunda etapa do projeto, a fase de grupo, se deu em oito encontros planejados de acordo as características do grupo, sendo que as crianças já estavam cientes dessa nova fase do projeto.

No entendimento de Rossi (2009,p.8),

Os grupos são ferramentas da clínica quando produzem novos modos de cuidado e de vida para seus participantes, que são construídos através do conhecimento técnico, mas também do conhecimento da vida, dos usuários, da comunidade e possíveis em relação à história, o território, a cultura e todas as instituições que cada sujeito coloca em jogo.

Inicialmente, a proposta era de que o grupo aconteceria com as quatro crianças que haviam passado pelas etapas anteriores de primeira entrevista, entrevista de anamnese e as sessões de grafismo e hora do jogo. No entanto, ao longo dos oito encontros, apenas duas crianças permaneceram. Uma delas só compareceu aos encontros individuais e nunca compareceu aos encontros em grupos, e a outra não permaneceu porque o pai interferiu e não consentiu que ela fizesse acompanhamento psicológico.

A etapa do trabalho em grupo foi considerada a mais desafiadora, de maior aprendizado e crescimento, especialmente para os estudantes que conduziam o processo com as crianças, pois, as particularidades de cada criança estaria reunida em um mesmo ambiente, realizando atividades comuns a todos, tendo que respeitar o tempo e o espaço do outro. Para isso, estabelecemos regras que, sempre que necessário, eram lembradas as crianças.

A proposta de atividade para cada sessão era planejada considerando alguma característica comum e o desejo das crianças, como afirma Aguiar (2014) é preciso que haja o reconhecimento das possibilidades saudáveis da criança, e assim obter elementos de intervenção para acessar as potencialidades individuais. Ilustrando esta afirmação, percebemos em duas crianças, das três que pertenciam ao grupo, dois meninos com idade de dez e nove anos, o interesse por música, sendo que ambos tocavam bateria. Esses meninos foram levados a fazer parte do projeto a partir da queixa de comportamento agressivo para com os colegas e desinteresse em realizar as atividades escolares.

A partir desta característica das crianças, propomos em um dos encontros a criação de instrumentos musicais a partir de sucatas. Houve competição de quem tinha feito mais instrumentos, por parte de uma das crianças, mas não houve atrito entre elas, ao final se divertiram com o que produziram na sessão e tiveram oportunidade de demonstrar seus interesses e talentos para além da queixa escolar e psicológica.

Trabalhamos na perspectiva de considerar a criança protagonista de todo processo, em consonância com Antony (2015) a qual afirma que a criança deve conduzir seu processo terapêutico, tendo a liberdade de escolher as atividades lúdicas que deseja realizar em cada encontro, bem como, recusar o que lhe é proposto, sendo o papel do terapeuta acompanhá-la em seu ritmo. Assim, atendemos ao desejo das crianças de fazer uma sessão livre, sem uma proposta pré-estabelecida apenas com brincadeiras, em um dos oito encontros.

A terceira criança do grupo, uma menina de nove anos, chegou ao projeto com queixa de atraso na aprendizagem, pois, ainda não sabia ler; não tinha autonomia para realizar atividades rotineiras como: tomar banho e lanche, sendo preciso ser ordenada, e sempre que essa menina recebia reclamação por algo apresentava choro frequente. No início, se mostrou bem retraída, não quis se apresentar ao grupo e se recusava a participar de brincadeiras com as outras crianças.

Esta menina, que identificarei por I. para preservar a identidade da criança, demonstrou movimentos mais significativos em relação aos demais, no sentido de apresentar mudanças no comportamento ao longo do processo. A própria interação entre as duas crianças remanescentes no projeto foi um fator que nos demonstrou como características como inibição e comportamento dominante podem, a partir do processo de grupo, possibilitar um movimento de mudança nos sujeitos. Assim, no início das sessões de grupo, a criança, que chamaremos de G. com um comportamento de tentar impor sua vontade durante as sessões. Enquanto a menina I. se mostrava retraída e passiva. Ao longo das sessões, ambos fizeram ajustes criativos em seus comportamentos, passando a

respeitar o espaço, as opiniões e decisões do outro (no caso de G.) e se posicionar e questionar as atitudes que a desagradavam naquele espaço (no caso da menina I.). A menina I., além de sempre trazer relatos sobre os fatos ocorridos durante a sua semana, começou a se posicionar e questionar as atitudes que lhe desagradavam naquele espaço, passando a demonstrar maior confiança, desenvolvendo um comportamento mais assertivo. Esta nova experiência da criança repercutiu também em seu ambiente familiar e em seu comportamento escolar, especialmente em sala de aula.

Para melhor compreensão, apresentamos brevemente o contexto em que se encontrava a vida de I. A criança foi levada a residir com a irmã mais velha devido um problema de saúde da mãe, permanecendo lá após a mãe se recuperar. No entanto, a relação entre as irmãs era conflituosa, com relatos de agressão física e cobranças diárias para que aprendesse a ler. A postura da irmã mais velha era de verbalizar para a menina que ela “não sabia nada”. A mãe se mostrava alheia ao desejo de I. de retornar para casa e não intervia nos conflitos entre as irmãs. No período de finalização do projeto, I. decidiu não morar mais com a irmã e voltou para casa dos pais por conta própria. Obteve progresso na leitura e, nas sessões do projeto, passou a não permitir que G., a outra criança participante do grupo, fosse altivo com ela, chamando sua atenção nas situações em que isso ocorria.

G., cuja queixa inicial era de agressividade com os colegas da escola, bem como de descuido com material escolar e brinquedos; e a queixa sobre a resistência em respeitar regras. Ele não apresentou todos os comportamentos relatados pela escola nas sessões. Nos momentos em que precisou se deparar com frustrações, em que foi contrariado, apresentou reações contidas, sem recorrer a repertórios agressivos. Passou a organizar o material das sessões, ainda que rejeitasse essa prática no início. Contudo, sempre utilizava alguma estratégia para burlar as regras, principalmente nos jogos. E um fato considerado relevante é que, mesmo observando os relatos da semana da companheira de grupo, não se dispôs a fazer o mesmo. G. não fazia relatos sobre situações do seu dia-a-dia ou quando se envolvia em brigas na escola.

Ainda que as queixas direcionadas as duas crianças fossem de ordens distintas, mesmo estando relacionadas ao ambiente escolar, observamos como os processos individuais de cada uma das crianças, as colocaram diante de alternativas e dinâmicas diversas. Uma criança conseguiu avançar, no decorrer do processo, fazendo seu ajustamento em relação ao comportamento mencionado na queixa inicial, enquanto a outra apresentou algumas mudanças apenas no ambiente terapêutico sem estender aos outros espaços do seu cotidiano. Talvez a permanência da queixa inicial de G., que era de

agressividade, desorganização e desinteresse no ambiente escolar, se justifique pela apropriação da criança em ocupar o lugar de “criança problema” que a escola lhe caracterizou, sempre enfatizando os seus comportamentos inadequados, e ao receber outra forma de tratamento, diferente de como lidavam com ele, também reagiu de forma diferente porque naquele espaço, suas características positivas também foram reconhecidas e valorizadas. Maria Helena Souza Patto (1998) chama atenção para o papel da escola na detecção de problemas nas crianças, chegando a afirmar que a maior parte delas chegam aos consultórios de psicologia depois de sua entrada na escola. A reflexão que podemos fazer, a partir disso é que, tanto a escola “detecta” problemas que muitas vezes são comportamentos adaptativos passageiros da criança, ligados ao seu próprio desenvolvimento como sujeitos, como o próprio contexto escolar estabelece exigências complexas e que podem gerar sérias dificuldades para algumas crianças e famílias. Nesses casos, os contextos terapêuticos grupais podem ser de grande ajuda no sentido de possibilitar outras formas de lidar com a realidade e perceber a si mesmo.

Conforme dito anteriormente, a etapa das sessões em grupo foi realizada em oito encontros. Esta metodologia foi baseada no trabalho de Leandrini e Scaretta (2015) com caráter de atendimento a queixas escolares. O planejamento das sessões das autoras foi de oito encontros em grupo, a partir de recursos como desenhos e jogos que objetivaram “superar a expressão puramente verbal e desencadear discussões e reflexões de acordo com os objetivos de cada sessão”. (LEANDRINI & SCARETTA, 2015, p. 382).

Para o oitavo encontro grupal, preparamos uma surpresa para as crianças, como uma forma de agradecimento pelas trocas e aprendizados compartilhados ao longo do projeto e finalizar de forma alegre essa etapa grupal. Assim, conduzimos o grupo para uma área externa arborizada e fizemos algumas brincadeiras apreciadas pelas crianças. Abaixo segue um registro deste momento. A fotografia foi tirada a pedido das crianças, como forma de resguardar o momento para quando sentissem falta.



Para que pudéssemos ter o registro de cada encontro, pedimos para que as crianças escolhessem uma maneira de fazer isso, assim elas poderiam acompanhar de forma cronológica o processo. Optaram por um painel, onde eles puderam colar suas produções e fotografias:



Concordamos com Allgayer, Rossi e Kirch (2009,p. 8) quando dizem que,

Deixamos um pouco o lugar da clínica individual, privada, que cuida das emoções, sentimentos, experiências, sonhos e fantasmáticas mais íntimas e profundas, para darmos espaço a uma psicologia que quer dialogar. Psicologia que quer saber da escola, da família, da história e que acredita que todos estes atores fazem parte da construção de pequenas rupturas e desvios nos modos de viver já enrijecidos. Neste processo existe ainda a possibilidade de problematizar o sintoma da criança, mostrando que ele fala de um modo de

vida que existe hoje, contemporâneo. Isto não significa não olhar para isto, mas convoca o olhar de todos aqueles implicados de alguma forma com a criança, na co-responsabilidade de cuidar.

Consideramos pertinente destacar alguns pontos sobre o trabalho em dupla no projeto. Apesar das duas alunas não possuírem vínculo anterior, foi possível construir uma relação de parceria, a partir do auxílio mútuo durante todo o processo. Por ser uma experiência nova para ambas, em algumas situações foram encontradas dificuldades. Um exemplo disso seria, por exemplo, como fazer o planejamento dos oito encontros considerando as características do grupo ou o modo de conduzir a sessão quando alguma situação exigia que nós interviéssemos de uma forma mais específica. Nestes momentos, o apoio mútuo nos auxiliava. A ajuda também acontecia sob a forma de correções e ajustes na forma de abordar algum ponto ou comportamento das crianças, quando se fazia necessário. Desta forma, tornou-se menos angustiante enfrentar os desafios a cada encontro.

Considerações finais

Como considerações finais para o relato apresentado, podemos enfatizar a importância amplamente discutida do desenvolvimento de projetos dessa ordem, tanto para o trabalho voltado à comunidade, como para a ampliação da psicologia como prática social e política. A pouca oferta de serviços gratuitos para atendimento infantil e o restrito número de vagas, mesmo quando existem, não contemplam a grande demanda existente. Além do caráter extensionista do atendimento comunitário, importa também ressaltar a relevância da prática psicológica no processo de qualificação e formação acadêmica dos futuros profissionais de psicologia com interesse na área da clínica infantil.

A oportunidade de participar deste projeto ofertou a nós, discentes do curso de Psicologia, aprendizagens, reflexões e nos sensibilizou no modo de perceber a criança, como sujeito de potencialidades e ensinamentos. Além das vivências compartilhadas semanalmente nas supervisões dos múltiplos casos que eram relatados, nos fazendo lidar com a frustração da desistência de algumas crianças, com a angústia de não poder intervir em determinadas situações que escapavam às nossas possibilidades e que por vezes nos emocionavam. Experiências que nos humanizam e nos fazem perceber os limites e possibilidades da prática do psicólogo.

Os ensinamentos que essa experiência possibilitou foram únicos e de crescimento pessoal assim como em termos de aprendizado profissional, pois o público atendido no

projeto possui características singulares que devem ser consideradas em qualquer campo de atuação do psicólogo.

Embora muitas vezes o trabalho com crianças na clínica nos confronte com situações frustrantes, também fica o entendimento de que fazemos o que é possível fazer, ainda que esteja longe das nossas expectativas. O trabalho não é vão, pois a criança pode compreender que naquele espaço ela tem voz e é considerada. Isso transcende o que podemos considerar como impedimentos e permite repensar as competências e o comprometimento necessário na condição de futura profissional de psicologia, buscando o apoio teórico para os desafios que a prática impõe.

Referencias:

AGUIAR, L. **Gestat-terapia com crianças**. 2.ed.São Paulo: Summus, 2014.

ANTONY, S. M. R. **Gestalt-terapia cuidando de crianças teoria e arte**. Curitiba: Juruá, 2015.

LEANDRINI, K. D.; SCARETTA, P. Atendimento em grupo de crianças com queixa escolar: possibilidades de escuta, trocas e novos olhares. In: Souza, Beatriz de Paula (org.). **Orientação à queixa escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2015. Pp. 379-398.

OAKLANDER, V. **Descobrimo crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes**. São Paulo: Summus, 1980.

PATTO, M. H. S. O fracasso escolar como objeto de estudo: anotações sobre as características de um discurso. **Cadernos de Pesquisa**. S. P. N. 65. Maio 1988. pp. 72-77.

ALLGAYER, M.; KIRCH, A.; ROSSI, E. Grupo terapêutico de crianças: ampliando o contexto de intervenção. In: **PSICOLOGIA SOCIAL E POLÍTICAS DE EXISTÊNCIA: FRONTEIRAS E CONFLITOS**, 15., 2009, Maceió. **Anais...** Maceió: FITs, 2009. p. 1-9.